

Sandra Brown

# OBSESSÃO

Tradução  
Lídia Geer

*Quinta Essência\**



# 1

10 de Outubro de 1990

— **C**at, acorda! Temos um coração!  
Cat Delaney fez um esforço para sair do sono induzido por fármacos e dirigir-se ao limiar do estado consciente. Abriu os olhos e tentou concentrar a sua atenção em Dean. Os contornos da figura dele eram pouco nítidos, mas tinha um sorriso rasgado, radiante e distinto.

— Temos um coração para ti — repetiu ele.

— De verdade? — perguntou ela numa voz rouca, enfraquecida. Fora internada sabendo de antemão que sairia depois de um transplante do coração ou num carro funerário.

— A equipa que o foi recolher dirige-se para cá a toda a velocidade neste preciso momento.

O Dr. Dean Spicer afastou-se para falar com outros membros do corpo clínico que o haviam acompanhado até à Unidade de Cuidados Intensivos. Embora ela ouvisse a voz dele, parecia-lhe que as palavras não faziam o mínimo sentido.

Estaria a sonhar? Não, Dean dissera com toda a clareza que estavam à espera de um coração que fora doado. Um coração novo... para ela! Uma vida!

Subitamente, sentiu um fluxo de energia como não acontecia há muitos meses. Sentou-se direita na sua cama de hospital e começou a falar atabalhoadamente, dirigindo-se às enfermeiras e técnicos que se encontravam à sua volta a manusearem agulhas hipodérmicas e cateteres com que a picavam e sondavam.

A violação médica de tecidos e orifícios passara a ser uma ocorrência tão frequente que ela mal reparava nisso. Ao longo dos últimos meses, haviam-lhe extraído líquidos do corpo em quantidade suficiente para encher uma piscina olímpica. Também tinha perdido bastante peso, restando-lhe muito pouca carne a revestir o esqueleto pequeno.

– Dean? Para onde é que ele foi?

– Estou aqui. – O cardiologista abeirou-se da cama dela, apertando-lhe a mão. – Eu bem te disse que haveríamos de encontrar um coração a tempo. Não disse?

– Não seja pedante. Vocês, os médicos, são todos iguais. Presunção e água benta é coisa que não vos falta.

– Sinto-me ofendido com isso. – O Dr. Jeffries, o cirurgião cardíaco que efetuará o transplante, entrou na UCI como se estivesse a dar um passeio ao fim do dia... sobre água. Ajustava-se na perfeição ao estereótipo do especialista que Cat referira. Reconhecia o talento do médico, confiava nas suas capacidades, mas, em termos pessoais, desprezava-o.

– O que está a fazer *aqui*? – perguntou ela. – Não devia estar no Bloco Operatório a esterilizar o seu instrumento?

– Isso tem um segundo sentido?

– O senhor é alegadamente um génio. Portanto, descubra-o.

– Desagradável como sempre. Quem pensa que é? Uma estrela de televisão?

– Precisamente.

Com uma atitude petulante, o cirurgião virou-se para a enfermeira-chefe da Unidade de Cuidados Intensivos.

– Esta paciente tem febre?

– Não.

– Congestionamento nasal? Algum vírus? Algum tipo de infeção?

– Mas o que é isto? – perguntou Cat irritada e autoritariamente.

– Está a tentar fugir com o rabo à seringa? Quer folgar esta noite, doutor? Fez outros planos?

– Só estou a verificar se você está em boas condições.

– Estou ótima. Arranje o coração, abra-me o peito e faça a troca. A anestesia é opcional.

O médico virou-lhe costas e foi-se embora.

– Idiota arrogante – resmungou ela.

– É melhor não lhe chames nomes – disse Dean, com uma risada. – Ele vai dar muito jeito esta noite.

– Quanto temos de esperar?

– Algum tempo.

Cat insistiu com ele para que fosse mais específico, mas o médico não acrescentou mais nada. Embora lhe tivessem dito que devia descansar, a adrenalina mantinha-a bem desperta, sempre de olho no relógio a ver as horas que passavam com lentidão. Sentia-se mais empolgada do que enervada.

A notícia do transplante iminente espalhou-se por todo o hospital. Os transplantes de órgãos eram bastante comuns, mas continuavam a inspirar admiração. Especialmente, os transplantes cardíacos. Durante a noite, apareceram várias pessoas no quarto dela para lhe desejarem boa sorte.

Deram-lhe um banho de tintura de iodo que era pegajosa e cheirava mal, imprimindo à pele uma coloração amarelada execrável. Cat engasgou-se quando tomou a primeira dose de ciclosporina, o fármaco vital para prevenir a rejeição do novo coração. O líquido tinha sido misturado com leite de chocolate numa tentativa vã de atenuar o sabor a azeite. Ela continuava a refilar por causa disso quando Dean chegou esbaforido para lhe dar a notícia que ela aguardava há tanto tempo.

– Já estão a caminho do hospital com o teu novo coração. Estás pronta?

– O Papa é católico?

Ele baixou-se e beijou-lhe a fronte.

– Vou descer para me desinfetar. Estarei na sala de operações com o Jeffries o tempo todo, a olhar por cima do ombro dele. – Fez uma pausa. – Vou estar contigo do princípio ao fim.

– Quando eu acordar – retorquiu Cat, agarrando-o pela manga – quero saber imediatamente se tenho um novo coração.

– Claro que sim.

Ouvira falar de outros pacientes à espera de transplantes que tinham sido informados da existência de um coração compatível.

Conhecia um homem que já estava preparado para a cirurgia, e anestesiado. Quando o coração chegou à sala de operações, o Dr. Jeffries inspecionara-o e recusara-se a proceder ao transplante, alegando que o órgão não estava em boas condições. O paciente em questão ainda não havia conseguido recuperar desse revés emocional, o que estava a agravar o estado crítico do seu coração.

Agora, com uma força surpreendente, Cat agarrava a manga do casaco *Armani* de Dean.

– No exato segundo em que eu acordar da anestesia, quero saber se tenho um coração novo. De acordo?

– Dou-te a minha palavra de honra – replicou ele com um acenar de cabeça e cobrindo a mão dela com a sua.

– Doutor Spicer. Por favor – chamou uma enfermeira.

– Vemo-nos no bloco operatório, minha querida.

Depois de ele ter saído, tudo decorreu com uma rapidez surpreendente.

Cat agarrou-se às proteções laterais da cama em que era levada pelos corredores. Quando transpôs as portas duplas, não estava preparada para as luzes ofuscantes do teatro operatório, onde o pessoal médico com máscaras se deslocava com agilidade e competência, todos concentrados no que tinham de fazer.

Olhando para lá das luzes acima da mesa de operações, Cat viu os rostos que a observavam por detrás do vidro que circundava a galeria de onde se podia assistir à operação.

– Estou a ver que atraí uma grande multidão. As pessoas ali em cima têm bilhetes e programas impressos? Quem *são* elas? Ei, alguém diga qualquer coisa. Serei a única pessoa aqui que fala inglês? O que estão a fazer ali?

Uma das figuras vestida com roupas cirúrgicas e máscara gemeu.

– Onde está o doutor Ashford?

– A chegar – respondeu o anestesista que entrara naquele momento.

– Graças a Deus que está aqui. Veja se a põe a dormir para podermos trabalhar, está bem?

– Ela não para de dar à língua, é uma grande chata.

Cat não se sentiu ofendida, sabendo que fora esse o intuito. Os olhos acima das máscaras sorriam. A boa disposição reinava na Bloco Operatório; ela preferia que o ambiente fosse esse.

– Se vocês passam a vida a insultar os pacientes, não admira que usem máscaras para ocultarem a vossa identidade. Cobardes.

O anestesista posicionou-se ao lado da mesa de operações.

– Disseram-me que está um pouco excitada e a causar alguma confusão, Miss Delaney.

– Esta é a minha grande cena. E vou desempenhá-la como bem me aprouver.

– E vai ser uma atuação magnífica.

– Já viu o meu novo coração?

– Não estou por dentro das coisas boas. Limite-me a passar gás. Mas agora descontraia-se. – Desinfetou-lhe as costas da mão, preparando-a para a agulha hipodérmica. – Vai sentir uma pequena picada.

– Estou habituada a pequenas picadas.

O Dr. Jeffries aproximou-se acompanhado de Dean e do Dr. Sholden, o cardiologista para quem a encaminhara depois de ter deixado de ser o médico dela por razões de natureza pessoal.

– Como estamos a sentir-nos? – perguntou o Dr. Jeffries.

– O seu guião precisa de ser trabalhado, doutor – disse Cat escarnekedora. – «Como estamos a sentir-nos?» devia ser a minha fala.

– Já examinámos o coração – continuou ele calmamente.

Cat susteve a respiração na expectativa, mas depois olhou para ele, franzindo as sobrancelhas.

– Usamos essas pausas sugestivas constantemente nas nossas telenovelas para criarmos *suspense*. É um truque vulgar. Fale-me do coração.

– É maravilhoso – adiantou o doutor Sholden. – Tem um aspeto magnífico. Tem o seu nome escrito nele.

Pelo canto do olho, viu um grupo de técnicos do Bloco Operatório atarefados junto de uma geleira.

– Quando acordares da anestesia, já estará a bater no teu peito – disse Dean.

– Pronta? – perguntou o Dr. Jeffries.

*Estaria pronta?*

Naturalmente, tivera algumas dúvidas quando a hipótese de um transplante fora sugerida pela primeira vez. No entanto, pensava que naquela altura já todas as suas dúvidas se haviam dissipado.

O seu estado de saúde começara a deteriorar-se lentamente pouco depois de Dean lhe ter diagnosticado a insuficiência cardíaca. A medicação proporcionara-lhe um remédio temporário para a profunda fadiga e falta de energia, mas, tal como ele lhe dissera, em última análise, não havia cura para a sua doença. Todavia, ela tinha-se recusado a aceitar a gravidade do mal de que sofria.

Só quando começara a sentir-se realmente doente, quando tomar um duche passou a ser extremamente difícil, e comer uma refeição um esforço tremendo, é que reconheceu que a sua insuficiência cardíaca poderia ser terminal.

– Preciso de um coração novo.

Até ter informado os diretores da cadeia de televisão do seu estado de saúde, ninguém se apercebera da sua doença. O elenco e o pessoal técnico da telenovela *Passagens* com que ela trabalhava todos os dias nunca haviam reparado na palidez que a maquilhagem ocultava.

Eles, bem como toda a hierarquia da cadeia de televisão, adotaram um estado de negação previsível. Ninguém queria acreditar que Cat Delaney, a quem já haviam sido atribuídos três galardões Emmy, a sua estrela, cuja personagem, Laura Madison, desempenhava um papel crucial no enredo de *Passagens*, estivesse doente com tanta gravidade. Com o apoio incondicional dos colegas, a par das suas capacidades de representação e personalidade esfuziante, ela continuou a trabalhar.

Mas, por fim, a situação chegou a um ponto em que, por muito determinada que estivesse, já não conseguia cumprir o seu exigente horário de trabalho, o que a obrigou a retirar-se do programa por tempo indeterminado.

À medida que o seu estado de saúde continuava a deteriorar-se, perdeu tanto peso que a sua legião de admiradores não a teria reconhecido. Tinha sempre umas olheiras fundas por não conseguir dormir, não obstante sentir-se exausta constantemente. Os dedos e os lábios adquiriram uma coloração violácea.

Os tabloides noticiaram que ela sofria de inúmeras doenças, desde rubéola a sida. Em circunstâncias normais, esse tipo de exploração mediática tê-la-ia encolerizado e perturbado, mas faltara-lhe energia para se insurgir. Ao invés, ignorou o que se dizia a seu respeito, concentrando-se em sobreviver.

O seu estado de saúde agravou-se de tal maneira, dando origem a um estado depressivo tão abjeto, que uma tarde disse a Dean:

– Estou tão farta de me sentir fraca e inútil que só desejo que isto acabe de vez.

Era raro Dean responder aos seus comentários sobre a morte, mesmo quando os fazia na brincadeira, mas naquele dia em particular apercebeu-se de que ela precisava de verbalizar os pensamentos que a atormentavam.

– O que se passa na tua cabeça?

– Mantenho conversas diárias com a morte – admitiu ela em voz baixa. – Negoceio com ela. Todos os dias, ao nascer do Sol, digo: «Deixa-me viver mais um dia. Por favor. Só mais um dia.» Registo tudo o que faço como sendo, possivelmente, a última vez. Será esta a última vez que vejo chover, que como ananás, que ouço uma canção dos Beatles? – Olhou para ele. – Estou em paz com Deus. Não tenho medo de morrer, mas preferia que a minha morte não fosse dolorosa e aterradora. Quando for para o outro mundo, como será?

Porque não encarava as preocupações dela de ânimo leve, Dean respondeu-lhe com toda a franqueza.

– Muito simplesmente, Cat, o teu coração deixará de bater.

– Nada de fanfarra? Nada de rufar de tambores?

– Nada. Não será traumático como um ataque cardíaco. Não sentirás nenhum formigueiro preliminar no braço. O teu coração, simplesmente...

– Desistirá.

– Sim.

Essa conversa tinha tido lugar apenas alguns dias antes. E agora, numa ironia do destino, o futuro dela invertera a marcha, seguindo em direção à vida.

Mas, subitamente, ocorreu-lhe que a fim de os seus médicos poderem instalar o seu novo coração, teriam de a abrir para retirarem

o que estava gasto. Um pensamento arrepiante. Conquanto sentisse um profundo ressentimento pelo órgão que funcionava tão mal e que assumira o controlo da sua vida durante os últimos dois anos, também sentia um apego inexplicável por ele. Era verdade que ansiava por poder livrar-se do coração doente, mas pensava que toda a gente parecia obscenamente contente por poder removê-lo.

Claro que agora era tarde de mais para estar com apreensões. Além disso, aquela cirurgia era relativamente simples quando comparada com outros atos cirúrgicos de coração aberto. Cortar. Remover. Substituir. Suturar.

Durante a espera por um dador, a equipa de transplantes convidara-a a fazer-lhes perguntas. Cat travou longas conversas com eles, além de ter, por sua própria iniciativa, lido diversos livros sobre o tema. O seu grupo de apoio, formado por outros pacientes que sofriam de insuficiências cardíacas e que aguardavam transplantes, dera-lhe a oportunidade de expor e partilhar os seus receios durante as reuniões. Aquelas conversas eram deveras interessantes e suscitavam uma viva troca de ideias, isto porque o transplante de órgãos era um assunto multifacetado pleno de controvérsia. As opiniões divergiam de acordo com o indivíduo, levando em linha de conta as emoções de cada um, convicções espirituais, aspetos morais e implicações de ordem jurídica.

Ao longo dos meses de espera, Cat analisara todas as ambiguidades, concluindo que se sentia bem consigo própria com respeito à decisão que tomara. Estava bem esclarecida acerca dos riscos e preparada para os horrores que a aguardavam aquando do recobro na Unidade de Cuidados Intensivos. Também aceitava a possibilidade de o seu organismo rejeitar o coração.

Todavia, a sua única alternativa ao transplante era uma morte certa – e dentro de pouco tempo. Face a estas circunstâncias, não lhe restara qualquer outra opção.

– Estou pronta – disse confiante. – Oh... esperem, só mais uma coisa. Quando estiver inconsciente, se começar a compor odes ao meu vibrador pessoal, tudo o que eu disser é mentira.

O riso deles foi abafado pelas máscaras.

Segundos depois, o calor da anestesia líquida começou a espalhar-se pelo seu organismo, proporcionando-lhe uma suave lassitude.